

“Ah! *Um Corvo* pousou em minha sorte!”: breves aproximações entre Augusto dos Anjos e Edgar Allan Poe

“Ah! *A Raven* landed on my luck!”: brief similarities between Augusto dos Anjos and Edgar Allan Poe

Leonardo Vicente VIVALDO¹
(leovivaldo@yahoo.com.br)

RESUMO: Partindo de uma entrevista de Augusto dos Anjos (1884 – 1914) para Licínio dos Santos, em que o poeta paraibano afirma sua admiração por “Shakespeare e Edgar Poe”, este trabalho tem por objetivo rastrear, brevemente, a visão desses escritores no poeta paraibano – em especial a relação com Edgar Allan Poe (1808 – 1849), no tocante a alguns temas e construções realçadas em seu clássico ensaio “A Filosofia da Composição”. O próprio ato criador, imagético e textual, que emana da poesia de Augusto dos Anjos, mais até mesmo do que podemos supor através de suas crônicas e cartas, reafirma a aproximação com Poe e o fado terrível da vida humana – e o que daí advém da sanha insaciável da Morte (destino último de todos nós).

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação, Morte, Filosofia da Composição, Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos.

ABSTRACT: From a Augusto dos Anjos (1884 - 1914) interview to Licínio dos Santos, where the paraiban poet stated his admiration for "Shakespeare and Edgar Poe", this study aims to briefly trace the vision of these writers in Augusto's works - in particular the relationship with Poe, regarding some issues in his classic essay "The Philosophy of Composition". The creative, imagery and textual act themselves that emanates from the poetry of Augusto dos Anjos, even what we may suppose from his chronicles and letters, reaffirms the approach with Poe and the terrible fate of human life – what comes from the insatiable rage of Death (the ultimate fate of all of us).

KEY-WORDS: Interpretation, Death, The Philosophy of Composition, Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos.

I

“Nunca te esquecerei. Nevermore! como dizem os corvos”.
(Oswald de Andrade. *Memórias Sentimentais de João Miramar*)

Em uma breve e praticamente esquecida entrevista para Licínio dos Santos (1914)², o poeta paraibano **Augusto dos Anjos** (1884 – 1914), quando perguntado quais os autores que mais o impressionaram, apontou dois nomes: “Shakespeare e Edgar [Allan] Poe”.

¹ Professor de Literatura Brasileira, Literatura de Expressões Portuguesas e Teoria Literária na AFARP – UNIESP – Ribeirão Preto. Doutorando no Programa de Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara. E-mail: leovivaldo@yahoo.com.br

² SANTOS, Licínio dos. *Resposta ao Inquérito de Licínio dos Santos em A loucura dos intelectuais* (rio de janeiro – 1914) In ANJOS, A. dos. **Augusto dos Anjos – Obra Completa**. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

Sobre o poeta e dramaturgo inglês, **William Shakespeare** (1564 – 1616), na poesia de Augusto dos Anjos, é possível encontrarmos, especialmente, a referência a alguns personagens. Por exemplo, a figura de Hamlet – grafado como “Hamleto” (seguindo, provavelmente, a grafia da versão em português datada de 1871 e que possuía como título: *Hamleto, príncipe da Dinamarca, tragédia em cinco actos*³):

Entretanto, passei o dia inquieto,
A ouvir, nestes bucólicos retiros
Toda a salva festal de 21 tiros
Que festejou os funerais de Hamleto!
(ANJOS, 2002, p.175 – “Tristezas de um quarto minguante”).

Talvez não seja estranho que Augusto dos Anjos exponha o personagem de *Hamlet*, ou “Hamleto”, já envolto pela sanha da morte que tão peculiar, e presente, está em seus próprios versos. Além disso, no trecho em questão, vale ressaltar que o processo natural da morte só parece reafirmar, como veremos mais a frente, o lugar de destaque deste tema na poesia do poeta paraibano através da ambiguidade (aparente) que o faz aproximar a ideia de “festejos” e “funerais”. Juízo que se repete, por exemplo, no longo poema “Monólogos de uma sombra” – e de forma ainda mais funérea:

É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um s.
(ANJOS, 2002, p. 90)

Existe uma luta incessante entre a vida e a morte. E tudo parece estar circunscrito pela sombra aterradora desta “festa emocionante” que possui o corpo inerte, mas que recebe todo o movimento silencioso e “invisível” do verme. Ao final tudo é tragado para o mesmo eixo: o nada e a morte em si. A vida é uma miséria total e absoluta.

É justamente nesse mesmo poema, “Monólogos de uma sombra”, que temos outra referência aos personagens shakespearianos. E, mais uma vez, eles vêm ligados profundamente à figura da Morte. Além disso, vale destacar que é exatamente o citado poema que abre o único livro de Augusto dos Anjos: *Eu* (1911). Portanto, talvez, o termo “Monólogos” (re)faz uma alusão direta ao nome de seu livro e ao caráter

³ Disponível em (e acessado em 06/01/2015): <http://migre.me/pixdq>.

particular e trágico que ecoará por toda a sua poesia. Não deixando, assim, de lembrar um dos pontos altos do teatro Shakespeariano – o monólogo:

É o despertar de um povo subterrâneo!
É a fauna cavernícola do crânio
– Macbeths da patológica vigília,
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,
As incestuosidades sanguinárias
Que ele tem praticado na família.
(ANJOS, 2002, p.94).

Nesse poema, em especial no trecho acima, a humanidade é comparada a uma possível, e macabra, prole oriunda do brasão real de *Macbeth*. Na peça, Rei e Rainha são consumidos pela culpa e afogados em pecados – assassinatos e suicídios. Logo, eles são espelhos da raça humana: egoísta, violenta e de “incestuosidades sanguinárias” – assassinos de si próprios e do(s) outro(s). E tal cena é vista através de “rembrandtescas telas várias”. Vale pensar que um quadro como “A lição de anatomia do Dr. Tulp” (1632), do pintor holandês **Rembrandt** (1606 – 1669), está bem ao do gosto da “poesia de necrotério” de Augusto⁴ e ajuda a reforçar a terrível paisagem interior do homem: uma agonizante e fria mesa cirúrgica (onde, dilacerada a carne, aqui, o poeta diseca também a alma humana).

Algumas das impressões de Augusto dos Anjos sobre Shakespeare são facilmente identificadas pelas “figurações” diretas que os personagens do poeta inglês perfazem em sua poesia. E, aparentemente, sempre ressaltando a matriz trágica da condição humana. Tanto no viés particular, caso do primeiro exemplo, a morte de Hamlet; quanto no viés universal, caso do segundo exemplo, dos Macbeths.

II

Tudo isso não parece, num primeiro momento, contar também na contribuição de **Edgar Allan Poe** (1808 – 1849) para a poesia de Augusto dos Anjos (em outras palavras, não temos uma citação direta a Poe, como é o caso de Shakespeare). Contudo,

⁴ O termo “poesia de necrotério” foi utilizado pelo crítico Anatol Rosenfeld para salientar uma possível relação entre a poesia de Augusto dos Anjos com determinada Poesia Expressionista – sobretudo a alemã. Em destaque os poetas Gottfried Benn, Georg Heym, que consta com um poema denominado “Autópsia”, e Trakl, “cujos caminhos desembocavam em ‘negra putrefação’” (ROSENFELD, 1995, p. 186). Rosenfeld destaca a “terminologia clínico-científica” desses poetas e que tão bem cabe a poesia de Augusto dos Anjos.

é o contrário: em detrimento de referências mais diretas (ainda que talvez elas existam), Augusto dos Anjos parece ter absorvido mais intimamente a literatura de Poe. Fazendo valer para si não simples referências, mas muitos dos temas do poeta americano: o macabro, o fantástico, o repugnante, o racionalismo exacerbado, etc.

Entretanto, de modo geral, e sem procurarmos muitas teorizações mais específicas sobre cada um dos possíveis temas compartilhados por ambos, talvez não exista uma questão mais profunda e fértil aos dois poetas do que a morte. De uma maneira ou outra, a morte faz com que todas as outras demandas apontem para essa mesma direção (por exemplo, os trechos apresentados que Augusto refere a Shakespeare).

Desta maneira, tanto em Augusto quanto em Poe, parece emergir uma necessidade incontornável em se entender a verdadeira face da condição humana através do horror em seu ponto mais nevrálgico – ou seja, o da Morte. Falar da Morte e da angústia da sua presença onipresente é falar do absurdo da condição humana: lutar pela vida tendo certeza que o destino, e inevitável, é a Morte. A Morte, ou o horror proveniente das questões que a circulam, em Poe e em Augusto dos Anjos, se manifesta através de um lado sombrio, obscuro, e que é existente em todos os seres humanos e que todos nós procuramos ocultar (FONSECA, 2009).

Sendo assim, como já fora dito, apesar de podermos abstrair as mais variáveis temáticas que ambos comungariam, Poe e Augusto trabalham o tema da Morte através de uma elegância linguística que acaba não apenas legitimando-a, mas, também, criando uma aproximação, e até mesmo uma identificação, com ela (FONSECA, 2009). Enfim, em outras palavras, os vários temas possíveis parecem, direta ou indiretamente, acabar comungando do mesmo objetivo: uma reflexão acerca da Morte – por hora, para ficarmos em mais um simples exemplo, no caso de Augusto dos Anjos, outra vez o trecho citado sobre o funeral de Hamlet: a Morte, destino último e certo do homem, é impresso não apenas pelo seu viés trágico, portanto invencível e, talvez, por isso mesmo, digno de um “festejo”.

Enfim, quando se trata mais concretamente da figura da Morte na obra de Poe, e não apenas do espectro dela que ronda muitos dos seus contos e poemas, é difícil não levarmos em conta seu poema “O Corvo” (1845) (no original, “*The Raven*”) e em sintonia com o seu ensaio “Filosofia da Composição” (1846) (“*The Philosophy of Composition*”). Na construção de tal poema – notadamente assentado na temática da Morte – sentimos um eco em Augusto dos Anjos através de, especialmente, dois sonetos: “Ave dolorosa” (1902) e “Asa de Corvo” (1906):

AVE DOLOROSA (1902)

Ave perdida para sempre – crença
Perdida – segue a trilha que te traça
O Destino, ave negra da Desgraça,
Gêmea da Mágoa e nuncia da Descrença!

Dos sonhos meus na Catedral imensa
Que nunca pouses. Lá, na névoa baça,
Onde o teu vulto lúrido esvoaça,
Seja-te a vida uma agonia intensa!

Vives de crenças mortas e te nutres,
Empenhada na sanha dos abutres,
Num desespero rábido, assassino.

E hás de tombar um dia em mágoas lentas,
Negrejada das asas lutulentas
Que te emprestar o corvo do Destino!
(ANJOS, 1995, p. 258)

ASA DE CORVO (1906)

Asa de corvos carneiros, asa
De mau agouro que, nos doze meses,
Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes
O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses,
É meu destino viver junto a essa asa,
Como a cinza que vive junto à brasa,
Como os Goncourts, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto
E a indústria humana faz o pano preto
Que as famílias de luto martiriza...

É ainda com essa asa extraordinária
Que a Morte – a costureira funerária –
Cose para o homem a última camisa!
(ANJOS, 1995, p. 136).

Desses dois poemas de Augusto, apenas o segundo, “Asa de Corvo” (1906), fez parte da primeira edição do livro *Eu* (1911) – sendo esta a única edição arranjada pelo próprio poeta. O primeiro poema, “Ave dolorosa” (1902), ao contrário, só veio a ser incorporado ao *Eu* depois dos anos 20, quando, através de esmeradas edições críticas, começaram a ser incluídos ao *Eu* outros poemas que ficaram fazendo parte das seções: “Outras Poesias”, “Poemas Esquecidos” e “Outros Poemas Esquecidos” (sendo nesta última que se encontra o poema “Ave dolorosa”).

De toda forma, é importante observarmos como o primeiro soneto ainda assemelha-se a de certos ares Simbolistas que tanto influenciaram a primeira produção de Augusto dos Anjos e que, por isso, talvez, tenha ficado fora da primeira edição do *Eu*. Já o segundo soneto, aparentemente, estaria mais próximo da dicção pessoal, própria, do poeta paraibano – embora, obviamente, não possamos deixar de notar a qualidade de ambos e, claro, a nítida interação entre eles.

Por fim, o que mais chama atenção nesses dois sonetos de Augusto dos Anjos é a reutilização da figura do “Corvo” como arauto da Morte. Não sendo o corvo uma ave típica de nossa terra⁵, além de conhecermos, agora, a entrevista para Licínio dos Santos, o intertexto inevitável para com o corvo, e todo o mecanismo de criação por trás de sua concepção, de Poe, deixa mais do que irresistível a aproximação entre os poetas.

III

Obviamente, não podemos supor até onde foi a leitura de Augusto dos Anjos sobre Edgar Allan Poe. Contudo, se considerarmos que o poeta do Pau D’Arco possuía uma habilidade considerável em várias línguas⁶ e que, por exemplo, a primeira tradução para o português do poema de Poe, foi feita em 1883 (Augusto dos Anjos nascera em 1884) por Machado de Assis, não é estranho considerarmos que o poeta paraibano viveu em uma época de considerável, ou ao menos crescente, interesse pelo poeta norte americano – como podemos notar pelos trabalhos de Denise Bottmann (2010) e Carlos Daghlian (1999).

Em detrimento de Poe, Augusto dos Anjos não deixou nenhum texto teórico sobre a sua poesia. Em prosa relegou apenas, quando muito, algumas cartas familiares – a maioria endereçada à mãe, D. Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos, ou como o poeta a chamava, Sinhá Mocinha; e dispersas crônicas e debates para o jornal paraibano *O Comércio* – sendo que, em princípio, não existindo trabalho acadêmico sobre tal material, ele continua figurando, quando muito, como mera curiosidade.

⁵ Apesar de este trabalho possuir como escopo apenas os dois sonetos apresentados de Augusto dos Anjos que possuem a imagem do corvo, pelas questões já descritas em sintonia com Poe, talvez também seja interessante uma análise da apropriação que Augusto faz dessa figura macabra através do nosso correspondente mais direto: o urubu – presente, por exemplo, nos célebres versos: “Ah! Um urubu pousou em minha sorte!” (ANJOS, 1995, p. 156). Ou até mesmo da figura do morcego. Como apresenta o texto “‘O morcego’, de Augusto, e ‘Corvo’, de Poe: Sombras do grotesco no voo da modernidade” (ALVES, 2009).

⁶ MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Poesia e Vida de Augusto Dos Anjos*. 2a ed. corr. e aum. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Já tentando repensar um pouco esse “perdido” material, sobretudo as crônicas de Augusto dos Anjos para o jornal paraibano, e iniciando a possível apropriação da figura do corvo de Edgar Allan Poe por parte de Augusto em seus poemas “Ave dolorosa” (1902) e “Asa de Corvo” (1906), talvez seja interessante começarmos com o trecho de uma carta aberta, que data de 20 de Agosto de 1901, e que Augusto enviara ao jornal em resposta a uma crítica que dizia que o seu soneto *Pecadora* (1901), também publicado no referido jornal, possuía tema muito batido e, até, uma breve insinuação de que seria um plágio de um poema de Gonçalves Crespo. Expõe Augusto:

Relativamente direi *in primo loco* que não conhecia composição alguma do malogrado poeta neste sentido, e se mesmo a conhecesse, não perderia o soneto o seu mérito nem o autor o seu critério. Exemplifiquemos – O soneto “As pombas” de Raimundo Correia tem sido bastante imitado e, não há duvidá-lo, os seus imitadores são verdadeiros astros da crítica do meu muito ilustre mestre. (ANJOS, 1995, p. 580).

Portanto, neste exemplo, de forma muito simples, podemos supor que Augusto não deixara de usar de um ou outro tema por esse já ter sido inserido em determinada tradição. É importante observarmos que, por dentro desse processo criativo, é inevitável que o poeta se depare com a exaustão da tradição, sempre tentando impor-se no processo de construção de sua identidade poética, pois os grandes poetas precursores já escreveram, não só sobre as temáticas, mas os próprios poemas que o poeta novo poderia e gostaria de ter escrito. Assim, o novo poeta se depara numa encruzilhada entre a influência do poeta anterior, que parece sufocar o seu trabalho, e sua capacidade criativa que está prestes a aflorar. Logo, ele se vê na necessidade de lutar contra esse “paipoético”, para poder se sobressair ao seu imaginário e transformar-se num poeta forte como aquele que o influenciou⁷ (BLOOM, 1991).

Desta forma, e considerando que Augusto dos Anjos, no trecho descrito do jornal, e com ainda mais propriedade nos poemas apresentados que trazem a figura do corvo, parece lucidamente aceitar, como talvez não pudesse mesmo ser diferente, o embate com a tradição e outros poetas. Mais um fato que corrobora para a aceitação de que não seria estranho, portanto, um retorno ao poema de Poe.

⁷ BLOOM, H. A **Angústia da Influência**. Edições Cotovia, Ltda., Lisboa, 1991. Tradução Miguel Tamen.

Agora, pensando mais detidamente na construção dos sonetos de Augusto dos Anjos e nas suas relações com as imagens do poema de Poe, conveniente seja fazermos a interação dos poemas anjosianos via o ensaio “A Filosofia da Composição”, pois é neste ensaio que Poe esmiúça a composição de seu poema – e que Augusto pode ter depreendido sensivelmente através da leitura dos poemas de Poe (pois, como já fora dito, não nos é possível saber a profundidade da sua leitura da obra do norte-americano – portanto, também do mencionado ensaio).

Deste modo, para o início da criação poética, Poe ressalva a “consideração de um efeito” (POE, 1995, p. 911), ainda que observe a importância em relação ao epílogo, pois, de forma geral, toda a obra deve levar em conta o seu desfecho – e toda palavra deve colaborar para a exaltação do efeito pretendido e, assim, convergir para o final desejado (por exemplo, depois de toda a descrição de seu processo composicional, Poe relata que a primeira estrofe que escreveu foi à antepenúltima do seu poema – as duas últimas vieram depois apenas para reforçar o efeito que fora pretendido).

Em outro ponto de seu ensaio, Poe afirma, acerca da composição de seu poema “O Corvo”, que: “É meu designo tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso ou a intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático⁸” (POE, 1995, p. 912). Em suma, diz Poe: “Aí, então, pode-se dizer que o poema teve seu começo pelo fim, por onde devem começar todas as obras de arte” (POE, 1995, p. 916).

Sendo impossível sabermos, com exatidão, qual o “efeito” que fora pretendido por Augusto dos Anjos nos poemas apresentados – ainda que possamos julgar algo similar ao de Poe, pois, novamente, ambos parecem conviver com imaginários similares, em especial a questão da Morte –, não deixa de ser curioso o seguinte trecho do ensaio *Elogio de Augusto dos Anjos*, de Órris Soares, amigo do poeta:

De certa feita bati-lhe às portas, na Rua Nova, onde costumava hospedar-se. Peguei-o a passear, gesticulando e monologando, de canto a canto da sala [...] Foi-lhe sempre este o processo de criação. Toda a arquitetura e pintura dos versos as fazia mentalmente, só as transmitindo ao papel quando estavam integrais, e **não raro começava os sonetos pelo último terceto;** (SOARES, 1995, p.35, grifo nosso).

⁸ A matemática, os jogos e os números parecem outra obsessão de ambos e mais um tema que mereceria aprofundamento.

O relato de Órris Soares sobre a composição de Augusto parece ir ao encontro do que fora pretendido por Poe, já que na maioria das vezes, como assim foi mencionado pelo crítico, o poeta começava seus sonetos pelo fim, podendo, com isso, “seguir a receita” de poder permitir mais expressivo o *efeito* que fora pretendido. E, em princípio, reforçar tal efeito ao convergir com o restante do poema. Assim, levando em consideração os tercetos finais dos dois poemas de Augusto, temos, em “Ave Dolorosa”:

E hás de tombar um dia em mágoas lentas,
Negrejada das asas lutulentas
Que te emprestar o corvo do Destino!
(ANJOS, 1995, p. 258).

e em “*Asa de Corvo*”:

É ainda com essa asa extraordinária
Que a Morte – a costureira funerária –
Cose para o homem a última camisa!
(ANJOS, 1995, p. 136).

Notamos que no último terceto do primeiro poema de Augusto, “Ave Dolorosa”, a ideia que mais salta à vista e que, em princípio, seria o que endossaria o *efeito* do poema como um todo, é o inevitável “tombar” lento de que algo, ou alguém, sofrerá pelo “corvo do Destino” – duplamente maldita e asquerosa, suja, violenta até: “negrejada” e “lutulenta”. O “Destino”, grafado em maiúscula é personalizado e fundido à figura do corvo. Assim, podemos observar que ele está empoleirado à espera do final trágico que rege todos os seres vivos – a morte é o “Destino” último do homem; “Destino,” última palavra do soneto.

Já no último terceto, do segundo poema, “Asa de Corvo”, a “asa extraordinária”, metonimicamente, está abraçada a figura do Corvo e se expande até a sua verdadeira mortalha que é a do manto da Morte – mais uma vez, a única certeza do homem. Ambos os sonetos anjosianos trazem em suas últimas ações a Morte: no “tombar” do primeiro soneto; na “Morte” propriamente dita no segundo – como se numa “evolução” macabra de um soneto para o outro (embora em ambos o emissário de tal revelação não seja outra que não o Corvo, claro).

Mais a frente em seu ensaio, Poe, considerando a concatenação de todos os efeitos oriundos das combinações que lhe serão levantadas, reafirmará a importância do clímax de seu poema – e, como já fora dito, escrevendo assim, finalmente, a

antepenúltima estrofe (começando, dessa maneira, pelo fim). Augusto dos Anjos, por sua vez, e ponderando novamente pela utilização do soneto, não dispensará tal clímax justamente na “chave-de-ouro” de seus sonetos (notadamente pretendida e reafirmada pelo ponto de exclamação no final dos dois poemas).

Em outro ponto de seu ensaio, Poe problematiza a extensão do poema, dizendo:

Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão [...] O que denominamos de um poema longo é, de fato, apenas a sucessão de alguns curtos, isto é, de breves efeitos poéticos. [...] pois é claro que a brevidade deve estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido, e isto com uma condição: a de que certo grau de duração é exigido, absolutamente, para a produção de qualquer efeito. (POE, 1995, p. 913).

Em princípio, a preferência de Augusto dos Anjos pelos sonetos pode parecer fugir um pouco de tais recomendações. E talvez fuja mesmo. Mas é importante considerarmos não apenas as outras influências que Augusto dos Anjos sofreu – do Simbolismo e Parnasianismo; e de certa forma do Romantismo – e que o mais das vezes o fez pretender tal forma para seus poemas. Ainda, só para realçar a relevância do soneto no período de Augusto dos Anjos, e em sintonia com o assunto abordado neste trabalho, a segunda tradução de “O Corvo”, feita pelo poeta Emílio de Menezes (1866-1918) e que parafraseou a primeira, de Machado de Assis, foi apresentada numa sequência de dezoito sonetos (1917).

No entanto, é importante fazermos duas considerações: o poema que abre o livro *Eu* e que já fora citado aqui, “Monólogos de uma sombra”, é um poema composto por 31 estrofes de 6 versos cada – portanto, de uma extensão “razoável”. Além disso, Augusto dos Anjos escreveu vários outros poemas mais longos como “As cismas do Destino”, “Os doentes”, “Gemidos de Arte”, etc. e que são, em sua maioria, da última fase do poeta – talvez demonstrando um manejo maior na forma e dos metros e, sobretudo, até mesmo um amadurecimento (É Ferreira Gullar, em seu ensaio sobre Augusto dos Anjos, “Vida e Morte Nordestina”, quem primeiro chama a atenção para o amadurecimento do poeta paraibano nos poemas mais longos).

Por fim, outro fato curioso é certa repetição de algumas figuras na poesia de Augusto dos Anjos, como é o caso aqui apresentado da figura do Corvo – mas podemos citar ainda outras aparições, tais como o verme; o coveiro; o tamarindo do Engenho do

Pau D'Arco, etc. –, que, sendo dispostos em mais de um poema, parecem “expandir” o “efeito fugaz” que um único texto poderia ocasionar no leitor. Em suma, em detrimento da brevidade da forma soneto, Augusto dos Anjos soube desdobrar a discussão de algumas figuras em mais de um soneto – dando não apenas uma unidade maior ao seu livro como também prologando o “efeito” pretendido de um poema para outro (pois eles acabam, muitas vezes, se complementando – caso dos sonetos aqui em questão).

Em outro momento, Poe se refere à questão da “Beleza como a província do poema [...] O prazer que seja ao mesmo tempo o mais intenso, o mais elevado e o mais puro é, creio eu, encontrado na contemplação do Belo” (POE, 1995, p.913). Além disso, o poeta elege a melancolia como o tom portador dessa beleza, pois “a Beleza de qualquer espécie, em seu desenvolvimento supremo, invariavelmente, provoca na alma sensitiva as lágrimas” (POE, 1995, p. 914). Assim, a Beleza e o tom pretendido por Poe em seu poema, traduzidos pela melancolia/monotonia e dramaticidade do refrão “*nevermore*” (“nunca mais”) ganham corpo quando, finalmente, são cristalizados na figura da Morte, ou perda, da mulher amada.

O poema de Poe, portanto, vem tratar de uma Morte particular, uma perda íntima, mas sentida de forma extrema – por isso, se quer e se faz universal. No caso dos sonetos de Augusto, a Morte é vista de um panorama já universal – seja no “corvo do Destino” que traça um cruel caminho para a própria “ave da Desgraça”; seja para a asa que cobre “o telhado de nossa própria casa”. Contudo, da dor universal, cósmica, de todo ser humano e de todo ser vivo, chega-se a dor particular, íntima.

Poe e Augusto dos Anjos, por direções aparentemente inversas, trilham a mesma essência da beleza que faz unir tudo e todos: a comovente derrota, particular e/ou universal, perante a Morte. O som dos versos decassílabos heroicos (quase que neuroticamente repetidos) nos dois sonetos de Augusto parecem um martelo a bater no próprio crânio, como se todos os versos (analisados em sua estrutura e musicalidade) não fossem senão um mesmo verso durante toda a vida repetido – daí, talvez, a monotonia ou mesmo o destino inevitável. Em suma, assim como as “batidas” em excesso acabariam tornando-se monótonas, a compaixão pela triste sina humana acabaria por rebentar em um universo “desiludido” – espelho de nossa miséria. O “corvo do Destino” empoleirado em nosso ombro (primeiro soneto) sendo nosso destino vivermos “junto a essa asa” (segundo soneto).

Destacando apenas mais uma parte do ensaio de Poe, diz este sobre a construção do espaço: “mas sempre me pareceu que uma circunscrição fechada de espaço é

absolutamente necessária para o efeito do incidente insulado e tem a força de uma moldura para um quadro” (POE, 1995, p. 918). Os sonetos de Augusto dos Anjos, em especial o primeiro, por se tratarem de uma composição mais lírica e sem marcações tão notadamente narrativas, como o poema de Poe, não possui, em princípio, uma preocupação objetiva, física, pelo espaço.

No primeiro poema, tal “fluidez espacial” é mais perceptível por conta das figuras fugazes que permeiam sua estrutura – e que, por isso, o aproxima de caracteres Simbolistas: “Catedral imensa”, “névoa baça”, “vulto lírido”, etc. O segundo soneto, por sua vez, consegue, deixar mais claro um espaço que parece ir fechando, estrangulando, o “homem” aos poucos, pois todos esses espaços vêm marcados pela marca da asa do corvo: “o telhado de nossa própria casa”, “indústria”, “a última camisa” do homem (caixão?).

Outro destaque relevante para o espaço desses sonetos são as suas qualidades pictóricas (o que nos faz lembrar a referência a Rembrandt, no início deste texto), em especial expressionistas, duma realidade lúgubre e sombria, cheia de desconforto e ansiedade, fincada às emoções, em busca dum sentimento espontâneo, interior, onde através dessa subjetividade o espectador seja tocado da mesma forma que o poeta o foi.

IV

No primeiro soneto de Augusto dos Anjos, não sabemos supor com exatidão qual é a “Ave Perdida”. Entretanto, essa ave, rechaçada e até mesmo amaldiçoada (segunda estrofe) partilha das características dos corvos (“vives de crenças mortas e te nutres,/ empenhada na sanha dos abutres”), ainda que mesmo ela tenha que responder a um carniceiro ainda maior – ou seja, um corvo maior: o Destino (fatal, diga-se de passagem, para tudo e todos).

É esse o efeito que parece ir crescendo no poema: um medonho jogo de espelho de uma macabra cadeia alimentar – em que estamos nós, inclusive. No segundo soneto, o termo “asa negra”, bastante comum na fala do povo brasileiro, reafirma o símbolo de mau agouro e, assim como o “corvo do Destino”, vai se construindo indestrutível, inevitável. A asa do corvo do segundo soneto “paira” sobre a vida do eu lírico de maneira constante, no tempo e no espaço (“doze meses”, “casa”), tornando-se, assim, presença constante e íntima como o corvo de Poe.

O segundo soneto parece vir outorgar a vitória da imagética do primeiro soneto, pois “é meu destino viver junto a essa asa,”. O eu lírico do segundo soneto se iguala a essa presença nefasta, harmoniza-se com ela, irmão gêmeo, siamês até – assim como a “ave perdida” se confundia com o “corvo do destino” do primeiro soneto.

Neste ponto o segundo soneto se torna um metapoema: “É com essa asa que eu faço este soneto”. Ela, a “asa de corvo” (ou a Morte, enfim) é a matéria-prima de trabalho, tão concreta e laboriosa como o tecido para a fábrica – o mundo moderno da indústria e da utilidade magistralmente fundido com o mundo sobrenatural da superstição e do mistério (como em Poe). A morte, sempre ativa e dinâmica na poesia de Augusto dos Anjos, torna-se a artífice do (corvo do) Destino – e o homem não apenas morre, mas veste-se com a camisa cosida pela própria morte, que se personifica e se torna operária da fábrica dos homens.

No primeiro soneto as aliterações em /s/ (“sempre”, “crença”, “imensa”, “traça”, “sonhos”, “mágoas”, “lentas”) parecem arrastar, envolver, o desespero crescente que vai acompanhado a imagem quase onírica que nos é apresentada. Já no segundo soneto, o uso das aliterações é destacado em /z/ – muito mais agudo, incisivo, dolorido (como se amadurecesse o que estava em gérmen no primeiro soneto) – cria uma atmosfera sonora que complementa perfeitamente os sentidos do poema: um ambiente em que a presença constante da morte se anuncia e se perpetua (por exemplo, os versos iniciais do poema: “A^asa de corvos carniceiros, a^asa/ De mau agouro que, nos do^ze me^ses,”; e os versos finais: “é ainda com essa a^asa extraordinária/ Que a Morte – a costureira funerária – Co^se para o Homem a última camⁱsa!”).

É importante aqui entender qual é a visão de morte que Augusto dos Anjos apresenta – e parece compartilhar com Poe. Muitos teorizaram sobre o assunto, identificando o fascínio pela morte como sintoma de pessimismo, depressão e morbidez. Uma leitura mais atenta, porém, nos informa que essa é uma ideia equivocada. A morte de que o poeta paraibano fala é uma “carnívora assanhada” (ANJOS, 1995, p.161, “Poema Negro”) e que está “empenha na sanha dos abutres” – é ativa, vibrante, chega mesmo a ser sensual – sua fome por corpos humanos, ou seja, por **vida**, é insaciável (como diz no mesmo “Poema Negro”: “E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”).

O poeta sabe que seu destino de homem está inexoravelmente ligado a esse devorar. Temos aqui uma aproximação com o “*Une Charogne*”, de Charles Baudelaire (para quem Poe foi tão caro), poema no qual o eu-lírico oferece à amada, em lugar de

um bucólico passeio, a visão de uma carniça como objeto de contemplação do destino final de todos os seres.

Em suma, se podemos considerar, brevemente, alguma poética na composição de Augusto dos Anjos, temos uma espécie de projeto no sentido de conter em germes os temas a serem, depois, obsessivamente retomados – que, como é o caso dos sonetos aqui apresentados, na morte através da figura do Corvo. Esses temas se desdobram em outros sonetos que pouco se distinguem pela unidade de impressão e do conceito metafísico-existencial que o desespero ante a finitude do homem, da natureza, e do cosmo, pode gerar.

A obsessão pela morte, tanto em Edgar Allan Poe quanto em Augusto dos Anjos (por conseguinte, em todo ser humano) alimenta-se de uma ambiguidade propiciada pela disposição melancólica que aparenta lamentar a inutilidade de nossas indagações, fadadas, por falta de ânimo ou crença metafísica, mas que não nos faz cansar de perguntar coisas do tipo: “Afiml, o que é a morte?”; “Como lidar com a Morte?”.

Augusto dos Anjos, leitor de Poe, não deixou de se perguntar sobre a morte e de criar incessantemente em cima dela, trazendo não apenas alguns artifícios do mestre para o seu texto, como também um pouco da sua obsessão (do mestre e de seus personagens). O desligamento entre os poetas (ou alguma dúvida sobre, se houve ou não, o contado de Augusto dos Anjos com a estrutura criativa de Edgar Allan Poe) parece gritar: “*Nevermore*”. Como dizem os corvos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, C. W. **O corvo: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe**. São Paulo: Hedra, 2011.

ALVES, A. “O morcego”, de Augusto, e “O Corvo”, de Poe: Sombras do grotesco no voo da modernidade. I CONALI – Congresso Nacional de Literatura. A literatura & tempo: cem anos de encantamento. João Pessoa, Paraíba, 2014 (Disponível: <http://migre.me/pilw8> e acessado em 30/03/2015).

ANJOS, A. dos. **Augusto dos Anjos – Obra Completa**. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. **Eu e outras poesias**. 45ª edição – edição especial revista e ampliada. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BLOOM, H. **A Angústia da Influência**. Tradução Miguel Tamen. Edições Cotovia, Ltda., Lisboa, 1991.

BOTTMANN, D.. **Alguns aspectos da presença de Edgar Allan Poe no Brasil**. Tradução em Revista, 2010 (Disponível em: <http://migre.me/7vMmq> – acessado em 04/01/2015).

DAGHLIAN, C. **A recepção de Poe na Literatura Brasileira**. Revista Fragmentos, número 17, p. 7-14, Florianópolis, 1999 (Disponível em <http://migre.me/7vMrU> – acessado em 04/01/2015).

ERICKSON, S. **Cânone *agonistes* – cartografia de imaginários poéticos: Augusto dos Anjos & Edgar Allan Poe**. XVII Semana de Humanidades, Natal, RN. XVII Semana de Humanidades. Natal, RN: CCHLA, 2009. (Disponível em: <http://migre.me/pilGm> e acessado em 31/03/2015).

FONSECA, D. M. F. **Sentir com a imaginação: Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos e um gótico moderno**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 40-48, abr./jun. 2009 (Disponível em: <http://migre.me/pilDy> e acessado em 31/03/2015).

GULLAR, F. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, A. **Toda a poesia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Poesia e Vida de Augusto Dos Anjos**. 2a ed. corr. e aum. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

OSWALD, A. **Memórias sentimentais de João Miramar. Prefácio de Mário de Andrade**. Obras completas de Oswald de Andrade. São Paulo: Globo, 2004.

POE, E. A. **Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios**. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ROSENFELD, A. **A costela de prata de A. dos Anjos**. In: ANJOS, A. dos. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 186-190.

SANTOS, L. dos. Resposta ao Inquérito de Licínio dos Santos em A LOUCURA DOS INTELLECTUAIS (RIO DE JANEIRO – 1914). In ANJOS, Augusto dos. **Augusto dos Anjos – Obra Completa**. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre, L&PM Pocket, 1999.

_____. **Macbeth**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SOARES, Ó. *Elogio de Augusto dos Anjos*. In: ANJOS, A. **Augusto dos Anjos – Obra Completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p.60-73.